

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Estado de São Paulo

Class.:

391

Data:

04.01.77

Pg.:

Para líder xavante, Rangel procura manter ignorância

04/01/77 ESP

Do correspondente em CUIABÁ

"Parece que o ministro Rangel Reis quer que o índio continue ignorante como no passado, igual a um bicho do mato. Ao governo parece que não interessa que os missionários ensinem o índio a se tornar emancipado, pois assim o índio exige mais: quer máquinas para suas lavouras, quer a sua terra garantida, quer escolas e hospitais como qualquer civilizado. Por isso, o ministro acha que os missionários estão tornando o índio muito perigoso. Isso é um crime do ministro e, quando eu for a Brasília, vou dizer isso a ele".

O chefe xavante Mário Juruna fez essas críticas ontem, em Cuiabá, ao ministro do Interior, a propósito de suas recentes declarações de que pretende impedir as missões religiosas de continuarem atuando junto às tribos. Mário condenou também a política de rápida integração do índio à comunidade nacional, outra idéia defendida por Rangel. Para ele, o ministro "não conhece nada de índio, pois, se conhecesse, não falava que índio precisava se civilizar

logo". E Mário acrescentou: "Do jeito que ele quer, o índio vai acabar. Todo mundo vai ficar pedindo esmola. E a terra, que é do índio, vai ficar para quem, quando o índio acabar? Acho que fica para o governo ou então para os grandes fazendeiros. É preciso tomar uma providência. Quem não conhece a problemática do índio não devia falar nada. O ministro poderia ter ficado calado".

PROJETOS

Mário afirma que "os missionários ensinam o índio, ajudam nosso povo a ter mais consciência, saber o que é bom e o que é ruim para ele. Ensinam a ler e escrever. O índio mais sabido, mais consciente, parece que é perigoso para o governo". Outro índio de Mato Grosso, Daniel Cabixi, um dos mais esclarecidos da nação pareci, também analisou ontem as posições do ministro Rangel Reis e reforçou os pontos de vista de Mário Juruna. Segundo Daniel, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) "despertou em poucos anos a consciência dos povos indígenas, fez nascer a coesão dos diversos grupos na defesa de seus direitos e mostrou valores pelos quais os índios lutam hoje, mas que

não são reconhecidos pela política oficial".

Ele criticou também os projetos comunitários da Funai, "de objetivo puramente econômico, quando o mais importante, a curto prazo, é despertar a consciência de povo entre os índios, fortalecer sua coesão para que eles decidam sem imposições seu próprio destino". E Daniel chegou a ironizar: "É quase uma brincadeira falar de projetos econômicos, de projetos de saúde, quando o índio se sente um estrangeiro na sua própria terra, ameaçado a todos os momentos pelos grandes fazendeiros e grileiros".